



# INTRODUÇÃO

De encantadores de cobras a engenheiros de *software*, a Índia é vítima frequente dos estereótipos. As tentativas de enquadrar os indianos e seu país em uma moldura fixa, porém, dão frequentemente com os burros n'água. É perigoso generalizar sobre um país com mais de um bilhão de pessoas, divididas em milhares de castas, com sete religiões e mais de vinte línguas oficiais. Os indianos atropelam definições categóricas por um motivo que encanta alguns e assusta outros: para cada afirmação, o oposto também pode ser verdadeiro. Como se fosse um labirinto espelhado, as imagens são contrapostas com seus reflexos inversos. A Índia é espiritual e material. Pacífica e violenta. Rica e pobre. Antiga e moderna. Cultiva a democracia, mas mantém as castas. Criou o *Kama Sutra*, mas veta beijos nos filmes de Bollywood. Pode-se dizer que os indianos são vegetarianos e falam inglês. Mas também que não é bem assim. É possível afirmar que hindus e muçulmanos se dão bem, mas o oposto é válido também.

Então, como conhecer esse povo que fascina tanto o Ocidente (e que, por sinal, também tem um certo fascínio por ele)? Começamos com uma pitada de história. Os indianos absorveram todas as invasões que sofreram, mas mantiveram suas tradições. Dizem que nenhuma época eliminou a anterior. Assim, o nosso século seria o topo de um edifício com os séculos anteriores nos andares de baixo. Não foram destruídos. E nem poderiam, pois a noção de tempo da Índia tradicional é cíclica. Não tem começo, nem fim. Segue adiante continuamente. Ao descer de escada e ignorar o atalho confortável do elevador, você vai vivenciar um pouco cada um deles. Na memória indiana, o passado se confunde com o futuro. E isso é evidente até no vocabulário: a palavra *kal* em hindí quer dizer tanto *amanhã* quanto *ontem*.

Sua história é uma das mais antigas e fascinantes do mundo: há 5 mil anos surgia uma misteriosa e sofisticada civilização que exibia cidades planejadas sem precedentes na época e que dão inveja a muitas atuais. Mas, ao mesmo tempo, a Índia é um dos países mais jovens do planeta: apenas 65 anos de independência. Muitas de suas contradições são resultado do choque de sua antiguidade e de sua juventude. Por sinal, juventude é o que não falta por lá: há 600 milhões de pessoas com menos de 25 anos no país. A demografia parece estar a seu favor, enquanto a China envelhece a passos

largos. Mas as caóticas cidades indianas, que já sofrem com apagões crônicos e falta de água, vão ter que se preparar para a chegada de mais e mais gente nos próximos anos.

A fama da Índia foi construída em cima de sua transformação econômica, a partir da década de 1990. A revolução da tecnologia da informação e dos *call centers* mudou sua imagem no exterior. Houve uma explosão empresarial e as multinacionais indianas começaram a fincar seus pés no primeiro mundo. O banco de investimentos Goldman Sachs – o mesmo que criou o termo BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) – projetou que a Índia será a terceira economia mundial em 2040. Os profissionais da computação se multiplicam na Nova Economia. Eles simbolizam o nascimento de uma Índia moderna que subiu no palco do mundo globalizado.

O crescimento tem chacoalhado o alicerce social e político do país. Os atritos nunca foram tão visíveis. A nova elite consumista atropela o ascetismo gandhiano. Começam a surgir cidades futurísticas e condomínios de luxo isolados da miséria. Mas explodem conflitos em torno de aquisição de terras de milhões de pequenos proprietários para construir a Nova Índia. A corrida desenfreada pelo enriquecimento criou um leque de máfias que atuam nas mais variadas áreas, como mineração, mercado imobiliário, terras e querosene. A “Índia Incrível” que chama atenção mundial apresenta indicadores sociais (ainda) deploráveis. Exemplo dessa convivência nem sempre pacífica: há mais celulares entre a população do que banheiro em suas casas.

Muitas eras ainda colidem umas com as outras. Basta sair alguns quilômetros das grandes cidades para se deparar com carros de boi e camelos no meio das ruas e mulheres carregando potes de barro com água na cabeça, enquanto se esforçam para cobrir os rostos com um véu, como fazem há milhares de anos. Quase dentro de Délhi, a 45 minutos das imponentes avenidas em torno do Parlamento indiano, é possível ver vilarejos que parecem ter saído dos livros medievais, com os mais velhos de turbantes coloridos nas cabeças, acorados fumando seus narguilés. Os milenares *sadus* – homens santos do hinduísmo seminus – não sumiram de cena: são responsáveis pelo maior festival religioso do mundo, o Kumbh Mela, cada vez mais gigantesco. Mas eles se adaptaram aos novos tempos e perambulam pelo país de trem, munidos de celular e outras parafernalias eletrônicas. Já os *saperas*, que viviam de “encantar” serpentes com suas “flautas mágicas”, não conseguiram acompanhar as mudanças e praticamente desapareceram.

Essa diversidade atrai. O que há de mais interessante para ver na Índia é de fato o seu povo: os mais variados tipos étnicos, que falam línguas diferentes, se vestem cada um a sua maneira e rezam para deuses distintos. E é gente que não acaba mais. Uma em cada seis pessoas dos sete bilhões de habitantes do planeta é indiana. E em duas décadas, eles vão ultrapassar o número de chineses. A multidão muitas vezes sufoca.

Cada metro é disputado por seres humanos e animais. A Índia caberia dentro da região Norte do Brasil, mas tem seis vezes a nossa população. Qualquer pequena porcentagem é um grande número na Índia. Por causa de sua imensa população, estudiosos fizeram previsões catastróficas de fragmentação política nos seus primeiros anos de independência. Eles baseavam-se na ideia de que seria impossível unir um povo tão diverso e ao mesmo tempo alimentar tantas bocas. A unidade indiana, porém, sobreviveu a vários testes: movimentos separatistas, guerrilha maoista, ondas avassaladoras de fome, terrorismo islâmico e sangrentos conflitos comunais entre hindus e muçulmanos. A verdade é que os indianos têm uma habilidade única de lidar com a diversidade e o caos. Já houve quem descrevesse o país como uma “anarquia funcional”.

E certamente o *jugaad* colabora com essa imagem. É o “jeitinho indiano”. Literalmente, “tentar fazer algo funcionar”. Assim como o “jeitinho brasileiro”, o *jugaad* é tido pelos indianos como uma qualidade e ao mesmo tempo um defeito. É aclamado como uma prova do talento dos indianos em improvisar quando é necessário, como quando transformam uma máquina de lavar roupa em um gigantesco liquidificador de *lassi* – o milk-shake local feito de iogurte, açúcar e gelo. Para todos os problemas, os indianos acabam apelando para o *jugaad*. Mas o seu jeitinho também é acusado de ser a razão de tudo o que há de malfeito na Índia: do serviço do encanador não profissional ao asfalto vagabundo das estradas. Muitas coisas acabam ficando como estão: o *jugaad* já deu um jeitinho na situação, qualquer que seja ela.

E se conhecemos de perto o “jeitinho”, temos mais dificuldade em entender as castas. Longe de acabar, o fenômeno foi reforçado com as cotas em empregos governamentais e em instituições de ensino. A família continua sendo a instituição mais importante, mas o conservadorismo comportamental dos últimos séculos começa a ser rasgado. A tentativa de ressuscitar a era do *Kama Sutra* – produto da deslumbrante Índia antiga, quando o sexo era visto como um direito a ser conquistado, assim como a riqueza – enfrenta reações contrárias. Os jovens abraçam o amor, malvisto pelos tradicionalistas, mas só se casam se tiverem a aprovação dos pais. A nova geração criou um tipo único de união: o “casamento arranjado por amor”.

Ao contrário de outras democracias, os indianos adoram votar. O povão comparece em massa nas urnas, enquanto a classe média – irritada com a corrupção – costuma ficar em casa no dia da eleição. O país manteve até agora uma impressionante estabilidade política, com a transferência pacífica de poder, praticamente sem rupturas institucionais. No geral, os indianos se orgulham de sua liberdade, do seu Estado secular e de sua Constituição. A paz democrática é ameaçada de vez em quando por grupos radicais religiosos, que acendem a fogueira do comunalismo, um fantasma que assombra os indianos desde a sangrenta Partição, em 1947. Mas apesar de a Índia ter nascido em

um parto doloroso, a sua independência foi um exemplo universal de luta pacífica liderada pela “grande alma” Mahatma Gandhi e pelo carismático Jawaharlal Nehru.

O país do pacifismo, porém, é uma potência nuclear, com mísseis de alcance médio e o terceiro maior exército do mundo. A Índia se orgulha de seu programa espacial que há quatro anos enviou uma missão não humana para investigar a superfície da Lua. Enquanto os indianos se preparam para futuras missões em Marte, batizam seus mísseis balísticos intercontinentais com nomes de antigos deuses védicos. Os épicos milenares, como o *Mahabárata*, sequestram a imaginação dos indianos até hoje: quando são mostrados na televisão, param o país. Não há Super-Homem que rivalize com Rama, o príncipe perfeito do Ramaiana. Os indianos amam a sua cultura e não deixam seus mitos morrerem.

A Índia geralmente causa um impacto intenso sobre os forasteiros, desde o primeiro de todos os viajantes: Megasthenes, embaixador grego no século IV a.C., contava em seu relato, *Indika*, ter encontrado um país gigantesco, com uma população imensa e uma sociedade governada por um sistema de castas, na qual a honra e a sabedoria eram os principais valores. Essas e outras descrições de estrangeiros que visitaram o país nos séculos seguintes alimentaram uma imagem de “Índia misteriosa” que fascinou o Ocidente por muito tempo. O escritor americano Mark Twain (1835-1910) – que viajou um ano pelo país – descrevia, deslumbrado, que vira uma “terra de sonhos e de romances, de fabulosa riqueza e pobreza, um lugar de centenas de línguas, de muitas religiões e milhões de deuses, mãe da história, avó da lenda e bisavó da tradição”.

Costuma-se dizer na Índia que os estrangeiros experimentam um ciclo de fortes emoções enquanto vivem no país. A primeira fase é de tremendo entusiasmo: tudo na Índia parece maravilhoso. Na segunda, nem tudo é maravilhoso. Na terceira, tudo é abominável. Não necessariamente as fases acontecem nessa ordem. Nem branca, nem preta, a Índia é um leque de tons variados do cinza e só com bastante tempo se consegue enxergar suas nuances cromáticas. Durante os seis anos em que morei na Índia – desde 2006, quando desembarquei em Mumbai para ser correspondente do jornal *O Globo*, até 2012, quando já vivia em Nova Délhi – as três fases do ciclo se renovaram constantemente. E exatamente como a noção de tempo indiana, todas as Índias – desde a maravilhosa até a abominável – convivem umas com as outras sem se anularem.

\* \* \*

Minha eterna gratidão a Rodolfo Fernandes, que comandava a redação de *O Globo* em 2006, quando eu parti do Brasil a caminho da Índia para ser correspondente do

jornal. Rodolfo vai ser sempre um exemplo para nós, jornalistas. À querida amiga Cláudia Sarmiento, que arquitetou minha ida para a Índia pelo *O Globo* e me deu apoio nos momentos mais difíceis. Meus agradecimentos a todos os meus colegas da redação de *O Globo*, especialmente à equipe da editoria O Mundo, dirigida por Sandra Cohen.

Agradeço a amizade de todos com quem cruzei e convivi nessa aventura indiana. Minha gratidão especial à Angélica Cavalheiro, pela ajuda, companhia e amizade em Mumbai. À Denise Nickel, pelo carinho nos momentos finais do livro, em Délhi.

O destino me fez entrar para uma família indiana no meio da minha jornada. Obrigada a ela, especialmente a meus sogros, Yatindra e Vinod, e também Vipin, Namrata, Ekta, Rohit, Sanjay, Sanchit e Sunny. Meus agradecimentos ao brilhante fotógrafo Anindya Chattophadya por ceder tão gentilmente algumas de suas melhores fotos. Obrigada especial a Jaime Pinsky e Luciana Pinsky, da Editora Contexto, por toda a sua paciência durante o processo de elaboração deste livro.

À toda a minha família brasileira, tios e primos, pela torcida constante. A meu irmão Valeriano, minha irmã Cordélia, e aos meus sobrinhos Gabriel, Isadora e Carol, fontes de inspiração. Aos primos-irmãos Miriam e Leandro que, do Brasil, sempre me injetaram ânimo, e da Suíça me resgataram para recarregar as baterias no meio da minha trajetória indiana. À Patrícia, minha irmã, que foi a primeira a tomar a corajosa decisão de desbravar a Índia. No primeiro ano vivemos juntas e dividimos as aventuras indianas. Eu não teria ido para a Índia se não fosse por ela.

Este livro nasceu pelo incentivo de Jorgemar Félix, o Jof, meu conselheiro de todas as horas. Foi ele que me colocou em contato com a Editora Contexto e me deu as mais preciosas dicas. Mesmo estando do outro lado do mundo, Jof sempre esteve perto durante os meus seis anos de Índia.

E finalmente a Shobhan Saxena, pelo seu amor infinito, inteligência e paciência de monge budista. Em todas as nossas viagens juntos pela Índia, ele foi muitas vezes meus olhos e meus ouvidos. Este livro nunca teria sido feito sem ele.